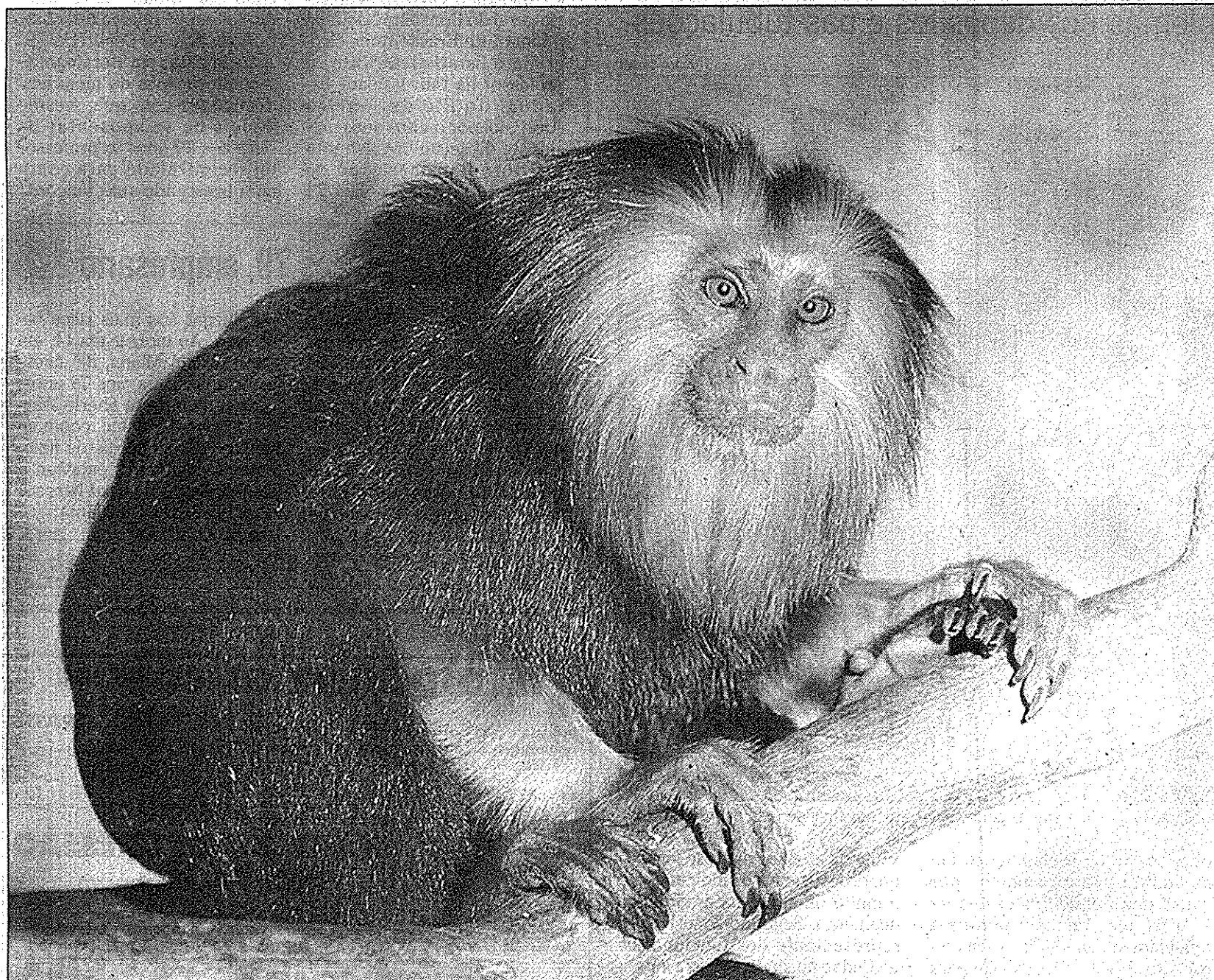


24/13/97
HOR 00113
16

Uma via expressa para preservar os micos-leões

Poço das Antas cria corredores verdes ligando a reserva à Mata Atlântica: idéia é que a espécie migre para outras áreas



Márcia Foletto

• A Reserva Ecológica de Poço das Antas, em Silva Jardim, no interior do Estado do Rio, está implantando vias expressas para o mico-leão dourado: são os micodutos — corredores verdes que, cortando 16 fazendas, ligarão a área da reserva a fragmentos de Mata Atlântica espalhados pela região. O projeto, inédito no país, está sendo feito, nesta etapa inicial, em parceria com sete fazendeiros vizinhos da reserva:

— De 5.500 hectares que pertencem a Poço das Antas, os micos usam para viver somente dois mil, pois o resto da área é de pastagem. Cada núcleo familiar é formado por cinco animais que marcam um território de 50 hectares. Quando uma área fica saturada, temos que transferir alguns espécimes para regiões menos povoadas — explica a diretora-executiva da Associação Mico-Leão Dourado em Poço das Antas, Denise Marçal Rambaldi.

Os técnicos também fazem uma espécie de migração artificial, levando fêmeas de um grupo para outro, para que haja troca de material genético entre as famílias de mico-leão dourado. Existem hoje 350 animais na reserva, e mais 200 sendo reintroduzidos em áreas particulares.

O novo projeto foi lançado sábado com o nome de Programa de Desenvolvimento Agroflorestal Piloto na Região de Ocorrência do Mico-Leão Dourado.

— A idéia é ligar uma área de floresta à outra, através de um replantio de espécies nativas de Mata Atlântica, além de árvores frutíferas, que serviriam para atrair os micos para outras áreas

verdes — declarou Denise.

O trabalho de replantio, que também inclui árvores de interesse econômico, como pés de pupunha e de palmito, começou em setembro. Nessa fase experimental serão plantadas cerca de cinco mil mudas.

— Plantamos as árvores em seis micodutos usando duas técnicas: em faixa, ligando duas áreas verdes, e em ilhas, entre os fragmentos de Mata Atlântica. Somente em um ano e meio veremos qual o melhor método de plantio. Teremos que esperar mais seis anos para que os micos comecem a migrar por si.

O projeto conta com apoio de Ibama; Emater-Rio; prefeituras de Silva Jardim e de Casemiro de Abreu; Programa Piloto de Proteção das Florestas Tropicais do Brasil; Comunidade Européia; e Governo da Alemanha, além da ONG Fundo Mundial para a Natureza (WWF, sigla em inglês).

— Os custos não são altos. Recebemos R\$ 210 mil da Comunidade Européia e R\$ 70 mil do WWF. Gastamos cerca de R\$ 100 mil por ano num projeto que tem 30 pessoas, entre técnicos, biólogos, zoológicos e o pessoal que está fazendo o replantio da mata — especifica Denise.

Segundo ela, o trabalho mal começou. Pelo programa, somente em 2025, com cerca de dois mil micos-leões soltos numa área de 23 mil hectares de floresta, o animal poderá ser considerado livre da ameaça de extinção. Ao proteger o mico-leão, criando áreas de reserva, o projeto, conseqüentemente, ajuda a preservar também a Mata Atlântica. ■